



**Paixão, Ciúme e Traição:
A “liquidez” das relações humanas no ciberespaço¹**

Brena Jardim FREIRE²
Andreza Jackson de VASCONCELOS³
Diolene Borges MACHADO⁴
Fabrício Natalino QUEIROZ⁵
Larissa Ribeiro BEZERRA⁶
Raphael Santos FREIRE⁷
Kalyinka CRUZ⁸

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

A inconstância e o individualismo são alguns valores comuns na sociedade contemporânea, e por trás de todas essas demonstrações pode-se entender uma lógica consumista que permeia até mesmo as relações humanas. A “modernidade líquida”, termo do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, apresenta um contexto de instantaneidade, em que o ciberespaço aparece como um universo de possibilidades diante dessas novas tendências. Por isso, este trabalho analisa como a paixão, o ciúme e a traição são constantes que possuem grande compatibilidade com a atual lógica social, mas também se revelam atitudes essencialmente humanas, na medida em que são demonstradas e potencializadas na interação das pessoas em sites de relacionamentos virtuais.

PALAVRAS-CHAVE: ciberespaço; liquidez; paixão; traição; ciúme.

1. A “modernidade líquida” e a fragilidade dos laços humanos

A metáfora da liquidez utilizada pelo sociólogo Zygmunt Bauman explicita de forma clara a dinâmica com a qual, não só as relações humanas, mas o campo econômico e

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática DT 05 - Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior - Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), email: brena@ufpa.br.

³ Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pará (UFPA), email: andrezapublicidade@yahoo.com.br.

⁴ Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), email: diolenemachado1@yahoo.com.br.

⁵ Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), email: fabricao_nbq@yahoo.com.br.

⁶ Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), email: lrbcomunicacao@gmail.com.

⁷ Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), email: rsfjofreire@gmail.com.

⁸ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará (UFPA), email: kalyinka@ufpa.br.



político se apresentam no que ele próprio chama de “Modernidade Líquida”. Flúídos não resistem às pressões e são instáveis, assim, analogamente se referindo a sociedade atual, o autor utiliza essa instabilidade líquida para demonstrar a exacerbação de valores como individualismo, transitoriedade, angústia, instantaneidade, ambivalência e principalmente consumismo.

Essa “fluidez” associada à sociedade contemporânea tem suas consequências nas relações afetivas. Os laços humanos, como sistemas abertos, são marcados pela vulnerabilidade e efemeridade, já que num mundo movido pelo novo a cada minuto, lógica fortemente apoiada no consumismo, os longos e fortes laços não têm sentido algum. Paradoxalmente, segundo Bauman (2004), mesmo diante de tendências tão individualistas, as pessoas não perdem a essência que as fazem procurar a interação, companheirismo e porque não dizer, amor, no relacionamento uns com os outros:

(...) homens e mulheres, nossos contemporâneos, desesperados por terem sido abandonados nos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar em um momento de aflição, desesperados por “relacionar-se”. É, no entanto, desconfiados da condição de “estar ligado”, em particular de estar ligado “permanentemente”, para não dizer eternamente, pois temem que tal condição possa trazer consigo encargos e tensões que eles não se consideram aptos nem dispostos a suportar, e que podem limitar severamente a liberdade de que necessitam para – sim, seu palpite está certo – relacionar-se... (BAUMAN, 2004: p.08).

Se antes a satisfação pessoal deveria ser renunciada em determinados casos em prol do bem coletivo, na atualidade a tendência é o individualismo. A lógica da descartabilidade emerge da uma sociedade em que tudo pode ser consumido. Ora, se tudo pode ser consumido como um bem, adquirido por meio de uma escolha (em meio a várias possibilidades), certamente os grandes e duradouros laços dão lugar às relações efêmeras. Tal processo de ruptura com a solidez oriunda dos laços tradicionais ocorre de maneira radical, pois se deve ao desejo de romper com a obrigatoriedade da “família perfeita” imposta por anos.

Mas, apesar deste de um contexto de descompromisso, em que tudo é descartável, o ser humano ainda busca relacionar-se. O medo e a solidão, características indissociáveis do “líquido mundo moderno”, provocam a necessidade de se “ter alguém” e de



experimentalizar o que a paixão pode provocar. E como imediato, o “homem líquido” sai de um relacionamento a outro, em busca de emoções e não mais de estabilidade.

Nas relações amorosas, todas essas tendências da sociedade líquida se refletem em características muito presentes na maioria dos relacionamentos. A insegurança, a transitoriedade e ao mesmo tempo a demonstração de sentimentos como a paixão, contribuíram para uma maior recorrência de emoções como o ciúme, traições e conseqüentemente levam a fracassos consecutivos na busca por um “parceiro ideal”.

Certamente, tais sentimentos sempre existiram nas demonstrações de afeto dos seres humanos, fazem parte da natureza psicológica humana que é instável e acima de tudo humana de todos. No entanto, a evidência cada vez maior de tais sentimentos, está fortemente associada ao estilo de vida e de relacionamentos experimentados na sociedade consumista moderna

E assim é uma cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço (BAUMAN, 2004: p. 21-22)

“À semelhança” das escolhas que se faz na sociedade consumista, os relacionamentos assumem um caráter de mercadorias, já que tudo o que se consome faz parte de um grande número de possibilidades, “a gosto do freguês”, as relações podem ser escolhidas, consumidas, usufruídas e igualmente descartadas.

Nos últimos tempos, um ambiente que contempla esse estilo de viver, de ser e de conseqüentemente se relacionar da sociedade líquida, vem se tornando um espaço em que as possibilidades são infinitas, as escolhas inúmeras e onde é possível amar, sofrer e acima de tudo se relacionar – o ciberespaço.

2. As relações no ciberespaço

Os relacionamentos amorosos trafegam em um campo de contradições, já que as tendências e valores em voga na sociedade atual, muitas vezes conflitam com os reais



anseios humanos. Tais contradições encontram solo fértil na infinidade de comunidades virtuais que se formam no ciberespaço, com os mais diversos objetivos, que vão desde unir pessoas com interesses afins, até prestar ajudas sentimentais àqueles que necessitam de conselhos ou sentem-se sozinhos.

O universo de possibilidades existente no ciberespaço se apresenta como um dos principais meios de vivenciar essas novas formas de relacionamentos de maneira coletiva, principalmente levando em consideração que, de acordo com Pierre Lévy, o ciberespaço se apresenta como uma alternativa dentre as formas tradicionais de comunicação.

O crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste novo espaço, nos planos econômico, político, cultural e humano. (LÉVY, 1999 p. 11)

Logicamente, nos tempos atuais o ciberespaço não é apenas um lugar em que jovens se conectam, mas em que pessoas de todos os perfis sociais, culturais e até mesmo econômicos, com personalidades diversas, têm a oportunidade de interagir de maneira rápida e fácil, aspecto relevante de acordo com o que já foi considerado sobre os relacionamentos entre as pessoas na “modernidade líquida”.

Que no ciberespaço o contato e a interatividade entre as diferentes personalidades tornam-se mais fáceis, é um fato conhecido. Mas a demonstração de sentimentos essencialmente humanos por causa das possibilidades promovidas por esse universo, ainda é controverso na opinião pública, já que as formas tradicionais de constituição dos laços, ainda são tidos simbolicamente como corretos.

O ciberespaço não surgiu modificando imediatamente as pessoas e obviamente não é causa para o mal estar gerado pela fragilidade dos vínculos afetivos na contemporaneidade, no entanto, a potencialização de sentimentos, aflições e angústias entre os que experimentam relações através de suas possibilidades, é digna de atenção.

3. Paixão e a busca pelo “amor eterno”



Se antes, para se apaixonar por uma pessoa era necessário conhecê-la pessoalmente e criar vínculos de afeto, hoje, esses encontros e vínculos acontecem especialmente no ambiente do ciberespaço. Os sites de relacionamento e as redes sociais em geral proporcionam a conexão entre indivíduos localizados em diferentes contextos espaciais, sociais e culturais. A pessoa amada pode ser encontrada na tela do computador durante conversas virtuais.

Além da interatividade promovida pelos usuários da internet, surgem conseqüências sérias decorrentes do excesso de exposição e confiança. A controvérsia sobre se um envolvimento virtual é ou não traição, pode parecer uma discussão quando se dá no âmbito das interações virtuais, porém, alguém que descobre seu parceiro trocando elogios, carinhos e admirando outra pessoa na internet, pode sofrer e sentir que foi vítima de grande deslealdade.

Por outro lado, a possibilidade de um encontro virtual com alguém distante, selecionado de acordo com características, gostos e personalidades afins, dentre uma infinidade de escolhas e ainda com a garantia de acabar tudo com apenas um “clic”, parece maravilhoso em uma sociedade em que até mesmo as relações duram enquanto são vantajosas, até algo novo, inesperado e mais interessante ocorrer.

Mas, paixão e amor eterno são expressões que parecem não combinar com a tão falada lógica da descartabilidade, evidenciada nas formas de relacionamentos rápidos, em que as emoções são vivenciadas e experimentadas no momento em que surgem, instantaneamente.

Essa é mais uma das muitas contradições da sociedade líquida em que tudo é transitório. O medo de se envolver e a expectativa do novo a cada segundo, não apagam a busca pelo afeto, ou pela tão almejada felicidade. Parece tratar-se de mais um discurso em nome da preservação da felicidade e demonstração do terror que causa a idéia de um amor fadado a ter um fim. O discurso do amor eterno continua a ter espaço na sociedade moderna, ao lado do desejo fortemente ligado à lógica consumista:

Desejo e amor encontram-se em campos opostos. O amor é uma rede lançada sobre a eternidade, o desejo é um estratagema para livrar-se da faina de tecer redes. Fiéis a sua natureza, o amor se empenharia em perpetuar o desejo, enquanto este se esquivaria dos grilhões do amor. (BAUMAN, 2004: p.25)



Se no passado o casamento sacramentava aos olhos da sociedade o amor eterno, os laços desamarrados da modernidade líquida necessitam dessas manifestações momentâneas de paixão. “Que seja eterno enquanto dure” cunhada de Vinícius de Moraes é a frase que permeia o amor líquido, já que os laços levemente amarrados já não prendem os casais até que a morte os separe.

A independência feminina e a mudança de valores da sociedade desobrigaram os casais a convivência eterna. Por isso faz-se necessário a contínua conquista para perdurar um relacionamento. E que estará disposto a buscar essa admiração permanente, se é tão mais fácil esse interesse ser despertado por outras pessoas? Isso justificaria o relacionamento momentâneo, que não busca o apego, a certeza de viver o amor pelo tempo que as sensações durarem. É a busca pelo relacionamento plugado, conectado, que a qualquer momento se pode puxar o cabo e desligar.

As pessoas vitimadas pelas fragilidades da liquidez moderna vivem relações envolvidas pelo medo: medo de se magoar, de se decepcionar e por isso vivem relacionamentos contidos, sem grande aprofundamento. É a relação paradoxal “dos prazeres do convívio e dos horrores da clausura”. (BAUMAN, 2004: 12) Não querem sofrer porque estão solitárias ou não querem sofrer porque a “pessoa amada” a decepciona e não querem sofrer com a possibilidade de terminar um relacionamento. Essa sociedade impõe tantos medos que o apego parece a forma mais fácil de chegar ao sofrimento.

4. Ciúme e traição - a insegurança das relações

Diante das diversas possibilidades de relacionamento proporcionadas pelo ciberespaço, destacando a facilidade em encontrar pessoas com interesses afins e a rapidez em se comunicar, sentimentos como o ciúme podem ser potencializados. O ciúme é provocado, e em muitos casos piorado, com a ajuda de recursos disponíveis nos dispositivos tecnológicos, como o arquivamento do histórico de conversas, mensagens enviadas e recebidas e recados trocados em redes sociais.

Por meio de tais recursos, um indivíduo com tendências ao ciúme, pode encontrar maneiras de exercer controle sobre o outro, muitas vezes reforçando um sentimento de insegurança e alimentando hipóteses de supostas traições. Os medos não revelados, muitos sequer assumidos, são materializados no virtual.



São cada vez mais freqüentes os casos de indivíduos que “invadem a privacidade” de seus companheiros em busca do que se pode chamar de “vida virtual”, já que comportamentos aparentemente inofensivos, podem esconder outras condutas. Ao mesmo tempo em que alguém pode estar checando e-mails ou simplesmente interagindo com amigos no mundo virtual, pode experimentar a satisfação de conhecer alguém e se relacionar, com a idéia de que senão houve aproximação, não houve traição.

O ciúme acentuado pela possibilidade de investigação tecnológica é apenas um exemplo de como o amor na sociedade líquida se torna angustiante e motivo de sofrimento. A fragilidade dos laços e a possibilidade de viver o novo a cada minuto, provoca grande insegurança, especialmente aos que têm baixa auto-estima. A ligação do amor ao compromisso e à fidelidade, por vezes é frustrante. Zygmunt Bauman falando dos relacionamentos como um investimento, salientou o quanto podem ser motivos de ansiedade:

Na medida em que os relacionamentos são vistos como investimentos, como garantias de segurança e solução dos seus problemas, eles parecem um jogo de cara-ou-coroa. A solidão produz insegurança – mas o relacionamento não parece fazer outra coisa. Numa relação, você pode se sentir tão inseguro quanto sem ela, ou até pior. Só mudam os nomes que você dá à ansiedade. (BAUMAN, 2004: p.30)

A neurose pode ser considerada como uma forma de reação ao grande número de informações a que os indivíduos estão expostos, em grande parte por meio dos diversos meios de comunicação. Na contemporaneidade, a “webneurose” se caracteriza pela “dependência” de constante checagem de informações, emails, mensagens e outras formas de conteúdo disponíveis na internet, sempre na expectativa de que algo inesperado ou de incomum aconteça. Voltando-se para os relacionamentos, a “webneurose” pode se tornar uma interface do ciúme e consequentemente de um desentendimento, já que a incerteza sobre a traição é alimentada pela curiosidade em buscar provas de algo que pode não ter acontecido.

Reflexões sobre a idéia de vida a dois em uma época em que o consumismo imediato trás uma lógica de descartabilidade, parecem importantes já que a mudança gradativa dos valores atribui uma transitoriedade em uniões como o casamento, sacralizada em tempos anteriores. A idéia de casar-se se iguala a outras experiências na vida, como a conquista do sucesso profissional, em que ao fim o êxito será válido, com boas ou más



consequências. Aliado a isso, paradoxalmente o medo da separação, a possessividade parece uma característica predominante:

Todo amor é matizado pelo impulso antropofágico. Todos os amantes desejam suavizar, extirpar e expurgar a exasperadora e irritante alteridade que os separa daqueles a que amam. Separar-se do ser amado é o maior medo do amante, e muitos fariam qualquer coisa para se livrarem de uma vez por todas do espectro da despedida. (BAUMAN, 2004: p.32)

Bauman apresenta dois tipos de perversões no amor, a que consiste em agradar um ao outro enquanto se continua fugindo do problema e o nosso desejo de mudar o outro, fazendo-o semelhante a nós. As duas podem ser causadoras da separação e até mesmo de traições. Além disso, a falta de comunicação entre os parceiros é um fator que provoca um distanciamento, já que imersos em suas próprias rotinas e muitas vezes absorvidos em suas “vidas virtuais”, muitas vezes se relacionam com outras pessoas.

5. Considerações

A liquidez é uma característica da contemporaneidade que marca de forma significativa os relacionamentos humanos. Desta forma o amor líquido tal como vivenciado retrata o paradoxo humano dos tempos atuais, no qual o homem precisa relacionar-se, mas não deseja comprometer-se.

Considerando esse contexto observa-se que as formas de relacionamentos aqui analisadas, são processos fluidos que acompanham a dinâmica da era das redes. É certo, no entanto, que a reconfiguração da maneira como o ser humano se relaciona já está dada, mas as consequências desta emergem a cada momento, sendo assim, o que temos são novos questionamentos e reflexões nesta sociedade que se liquefaz.

Essa relação simbiótica entre o ciberespaço e os relacionamentos, em que de um lado um é palco/cenário e do outro, outro é peça, permite que cheguemos à conclusão de que na verdade o ciberespaço é uma ferramenta homeostática dos relacionamentos.

A regulação homeostática refere-se ao conjunto de processos que os sistemas biológicos utilizam para se manterem em homeostasia (...). Este conceito traduz a capacidade dos sistemas biológicos manterem-se num estado de equilíbrio dinâmico, que lhes permite assegurar a manutenção da sua integridade física e fisiológica (INFOPÉDIA, 2003)



Mas para falar-se em processo homeostático é preciso que se entenda as relações amorosas como sistemas abertos, em que o ciúme, a paixão, a traição são dados reentrantes que contribuem no processo de equilíbrio e desequilíbrio.

Visto que a relação caracteriza e expressa cada sistema familiar, os sujeitos que dele fazem parte encontram-se num processo de comunicação constante, ao qual não podem subtrair-se. Como refere o filósofo Watzlawick (1985: 44), não se pode não comunicar, ou seja, qualquer comportamento tem sempre o valor da mensagem, pelo que estamos sempre em processo de comunicação. (DIAS, 2000)

Relacionamentos dependem de um processo de retro-alimentação. Para o bem e para o mal. Para se alimentar o amor, é preciso atenção, carinho, é preciso enxergar-se no outro e ver sua importância nele refletida. Ama-se mais no outro, o que se vê de importante em nós mesmo. Vem daí, em parte, a necessidade dessa comunicação quase antropofágica entre os apaixonados, o que antes da virtualidade só se dava efetivamente com a presença física. Mas o ciberespaço traz essa proximidade. Uma *sms*, uma conversa no *messenger*, um *emoticon* de um beijo, conseguem suprir – guardando-se as devidas proporções - com certa eficácia a execução física desses elementos que alimentam um relacionamento. Quem nunca sentiu o coração mais tranquilo, mais cheio de amor ao receber um e-mail ou mensagem apaixonados?

Por outro lado, também é desta forma que elementos desagregadores se propagam. O ciúme ganha eco nas ferramentas virtuais de investigação, a traição é facilitada pelas obscuras infovias do ciberespaço, onde, como nas zonas de prostituição amores são corrompidos pelos desejos carnavais. Quantos já morreram por dentro ao descobrir (intencionalmente ou não), palavras de amor destinadas a um outro. Mata e fere tanto quanto se o traído houvesse flagrado o outro em braços alheios.

O desequilíbrio pode resultar na falência do sistema (a morte), dada a sua incapacidade de reinstalar a homeostasia, logo, de manter a sua individualidade estrutural e funcional face ao meio (INFOPÉDIA, 2003)

A paixão também ganha cores e se multiplica diante da paleta de personalidades oferecidas nas redes sociais. Não é mais somente a praça, nem o cinema, o local de encontros, reencontros, namoros... É também no ciberespaço que se faz nascer e se faz morrer um relacionamento.



REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DIAS, Fernando. **O processo de comunicação autêntica na relação familiar: contributos para uma perspectiva sistêmica**. 2000. Disponível em <http://www.sociuslogia.com/artigos/O_Processo_de_Comunicacao_Autentica_na_Relacao_Familiar.pdf>. Acesso em: 15 de julho, 2010.

FURTADO, Pedro Calabrez. **A mentira necessária**: um ensaio sobre a promessa de amor eterno na sociedade contemporânea. 2008. Disponível em <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_10/contemporanea_n10_pedro_calabrez.pdf>. Acesso em: 20 de novembro, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34 Ltda (edição brasileira), 1999.

PEREZ, Sílvia Raquel. Te “vejo” na internet! Reflexão sobre os laços humanos na contemporaneidade. **Revista Técnica IPEP**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 17-24, jan./jun. 2007.

Regulação homeostática. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2010. Disponível em < [http://www.infopedia.pt/\\$regulacao-homeostatica](http://www.infopedia.pt/$regulacao-homeostatica)>. Acesso em: 15 de julho, 2010.